



Elisa Lucinda: 'A história é muito familiar a qualquer mulher. Por isso acho que rola uma identificação muito grande do público'

Elisa Lucinda estréia como autora abordando a ansiedade

Tatiana Tavares

Espera por aquele toque de telefone que nunca acontece... Quantas mulheres já não passaram por isso? Mesmo aquelas independentes e poderosas, um dia já sofreram de ansiedade por um telefonema que nunca aconteceu. "Te pego às nove - uma tragicomédia de espera" transporta essa situação para o palco do Teatro Carlos Gomes, com sessões de segunda a quarta, às 19h30.

A peça marca a estréia de Elisa Lucinda como dramaturga, misturando a atuação de um casal de atores a imagens de DVD. "Na verdade, escrevi esta peça há 11 anos", lembra Elisa. "Foi a partir de uma idéia da Ana Kfoury, que queria um texto que falasse sobre ansiedade. O projeto com ela acabou não vingando, mas a peça ficou engavetada à espera de uma montagem". Segundo a autora, diferentemente do que se poderia esperar do texto de uma poetisa, não se trata de um espetáculo verborrágico. "É uma peça de cenas, onde coisas acontecem".

Na história, Vivian (interpretada pela atriz capixaba Alcione Dias) conhece Vitor Rodolfo (Luiz Octavio Moraes) e o convida para jantar em sua casa. Com tudo preparado, ela espera a chegada do "príncipe encantado". O tempo passa e ele não aparece, o que a deixa ansiosa e imaginando protótipos de homens ideais. "Quisemos também aproveitar a oportunidade para mostrar talentos do Espírito Santo

Luiz Octavio Moraes e Alcione Dias em uma cena de "Te pego às nove"



que o resto do Brasil não conhece", diz Elisa. Ela lembra ainda que o espetáculo serviu ainda como oficina técnica para profissionais de Vitória quando estreou por lá, no ano passado. "Outra coisa interessante é que a história é muito familiar a qualquer mulher. Por isso acho que rola uma identificação muito grande do público".

As imagens de DVD, projetadas em um telão, "contracenam" com a atriz quando ela atende aos vários telefonemas da mãe, filha, amiga, tia... Essas personagens são vividas por Nathalia Timberg, Leandra Leal, Marcia Duvalle e a própria Elisa Lucinda. "Quando escrevi a peça, não existia DVD e as idéias para a montagem foram muitas. Pensamos, por exemplo, em projetar todo o cenário. Mas esta tecnologia atual acabou facilitando um pouco as coisas".

A pluralidade de Elisa já é bastante conhecida e os projetos para este ano não são poucos. No próximo dia 1, por exemplo, estará embarcando para Barcelona, onde fará um recital de poesia em um festival de teatro que acontece há 33 anos na praia de Sitges, sendo a única brasileira entre os 34 artistas participantes. "Tenho ainda duas peças que pretendo montar em breve", adianta. "Só preciso de tempo para organizar tudo o que quero fazer".

Colaborou: Mônica Loureiro

TE PEGO ÀS NOVE - Texto de Elisa Lucinda. Direção de José Luiz Gobbi. Com Alcione Dias e Luiz Octavio Moraes. De segunda a quarta, às 19h30, no Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). Ingressos a R\$ 5.

Saraceni ganha mostra na Estácio

Christian Caselli

Nem só de Glauber Rocha viveu o Cinema Novo. Além de aglomerar outros cineastas importantes - como Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman -, não se pode esquecer o nome de Paulo Cezar Saraceni, um dos expoentes do movimento. Por isso, a Universidade Estácio de Sá e seu curso de cinema resolveram homenagear o diretor com a mostra "De Arraial à Ipanema", exibindo ao público grande parte de seu acervo. O evento

começa hoje no Cine Estácio (do campus Rebouças), às 11 horas - com a presença do artista -, e vai até sábado. A entrada é franca.

Com 40 anos de carreira, Saraceni é considerado uma espécie de precursor do movimento com o curta "Arraial do Cabo", de 1960. Mais intimista que seus companheiros, ele é autor de obras como "O desafio", "Amor, carnaval e sonhos" (este com Leila Diniz) e "Anchieta, José do Brasil". A programação de amanhã é dedicada à trilogia que fez sobre a obra do escritor Lúcio Cardoso, com "Porto das Caixas" (às 11h), o

allegórico "A casa assassinada" (às 15h) e o seu último trabalho, "O viajante" (às 19h). A mostra ainda inclui debates, como o de quarta (às 11h, dedicado a discussões literárias) e o de quinta, às 19h, com o próprio Saraceni e com pessoas que trabalharam com ele.

DE ARRAIAL À IPANEMA - Mostra de filmes de Paulo Cezar Saraceni. Abertura às 11h. Filmes de hoje: "O desafio" (às 15h) e "Capitu" (às 19h). Cine Estácio (Rua do Bispo, 83 - Rio Comprido). Entrada franca.

Mídia & Cultura

Roberto M. Moura

Homenagem a Kid Moringueira

Caio Silveira Ramos foi ao Sesc Ipiranga, em São Paulo, ver o Boteco do Cabral em homenagem a Moreira da Silva e me deixou com água na boca. É para menos?

"As margens do Ipiranga ouviram um outro brado: cuidado, Moreira! E o malandro, que este ano teria completado 100 anos renasceu no Boteco do Cabral. Quem esteve lá ouviu e viu. Quem perdeu, tem que se contentar com a lenda, como quem aprecia o famoso quadro de Pedro Américo. Vamos ao quadro:

"Germano Mathias subverteu a ordem e as sínopes. 'Arrasta a sandália', 'Acertei no milhar', 'Na subida do morro', 'Juracy', 'Olha o Padilha', sem perder o sabor, ganharam uma interpretação moderna, menos 'brecada' e mais suingada. Apresentado por Cabral como um discípulo paulista de Moreira, Germano não nega a influência, mas jamais gravou samba-de-breque no sentido moreirístico da palavra. O paulistano do Pari tem suas divisões herdadas de Luiz Barbosa, Ciro Monteiro, Jorge Veiga, Blecaute e principalmente de seu mestre Caco Velho. Para facilitar: está mais para 'Falsa baiana' que para 'O rei do galinho'.

"Não só por causa de sua cuíca de boca, nem tampouco por seu inacreditável trombone imaginário (sem contar o trompete com surdina que abriu 'Piston de gafeira'). Reorganizando as sílabas, ele desconstrói a divisão e recria os sambas. Esse jogo de Germano se tornou mais evidente em dois números: 'Malandro de baralho' (presente de Moreira para Mathias) e 'Dormi no molhado', o mais impressionante momento do Boteco, em que os Dragões do quadro de Pedro Américo arrancaram os escudos das fardas e saíram sambando pela Avenida Nazaré.

"Mas agora isso já virou lenda. Lenda como a proclamação da Independência retratada por Pedro Américo. Você não precisa acreditar, embora quando pense na proclamação, lembre do quadro famoso. A diferença é que Américo não estava lá.

"E hoje, quem passar pelo Ipiranga, se prestar atenção como as margens famosas, talvez possa ouvir outro brado retumbante: cuidado, Moreira! Mas não precisa ter mais

cuidado. Germano Mathias já capturou o bandoleiro."

Lutando contra o idioma

Todo mundo já passou, mesmo que só zapeando, pelo SporTV numa noite de sábado. Se passou, deu de cara com aquele programa "inocente" de lutas-livres. Quase tanto quanto um braço quebrado e uma cara sangrando, pode-se ver ali algumas agressões cruéis ao idioma. O comentarista Paulo Borracha, por exemplo, insiste em acrescentar um verbo à língua: "esgrimar".

Vizinho do locutor Lucas Pereira, certa vez disse a este que, com jeito, fizesse ver ao colega de trabalho que ao substantivo esgrima, a luta com armas brancas (florete, espada etc), corresponde o verbo esgrimir, de terceira conjugação. Efeito zero: Borracha continua batendo. "Esgrimando" pra cá, "esgrimar" pra lá. Como apanha o português.

Santiago Bernabeu com 'Pega no ganzê'

De repente, na transmissão ao vivo da ESPN, em meio às comemorações da torcida do Real Madrid, no jogo contra o Barcelona, soa uma melodia comum aos ouvidos brasileiros. Era o velho "Festa para um rei negro" (de Zuzuca para o Salgueiro, 1971). E os espanhóis em júbilo: "olé, olé, olá", não deu para ter certeza se cantavam também "pega no ganzê, pega no ganzá" ou se improvisavam algo mais futebolístico. Mas, foi legal e deve ter agradado especialmente aos patricios Roberto Carlos e Sávio, este no banco.

O piano erudito de Tiago Martins de Aquino

O compositor Tiago Martins de Aquino mostrou repertório inédito, semana passada, no Conservatório Brasileiro de Música. Filho do produtor e violonista João de Aquino, Tiago prefere os caminhos da música erudita. Ex-aluno da concertista Margarida Weinberger e do Instituto Villa-Lobos, ele já tem um CD gravado.

Por e-mail

"Li a sua simpática nota. Grato. Quanto ao 'infatigável', mais ou menos, pois tenho andado cansado. Livros demais: lancei mais um, semana passada, na Livraria da Travessa. Vou passar um bom tempo lendo, apenas. (Muniz Sodré, escritor e professor da UFRJ, Rio de Janeiro, RJ)

"Hoje, às 19h, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro está lançando o livro 'Formação Superior em Jornalismo: uma exigência que interessa à sociedade', da FENAJ. A obra foi organizada pelo professor Francisco José Karam, da UFSC, e reúne 24 artigos de jornalistas,

professores universitários e especialistas. A idéia do livro surgiu logo depois que a juíza-substituta da 16ª Vara Cível da Justiça Federal de São Paulo, Carla Abrantkoski Rister, concedeu liminar, permitindo o acesso à profissão de jornalista sem formação superior. A medida é provisória e há várias etapas judiciais a serem percorridas antes da decisão final. Na ocasião, haverá um debate com a jornalista Beth Costa (presidente da FENAJ) e o professor Nilson Lage (UFSC)." (João Batista de Abreu, jornalista e professor da UFF, Rio de Janeiro, RJ)

<robertommoura@uol.com.br>

Crônicas de amor e perplexidade

Antônio Caetano

Os bigodes de Nietzsche

Como ando apaixonado por Nietzsche, fui ver o filme do Bressane. Mas aquilo não é um filme, é um instrumento de medição. O mais preciso que conheço no momento para apontar idiotias. O funcionamento é simples: basta expor o sujeito ao filme pelo tempo que ele suportar. Se ao fim ele disser que gostou ou entendeu, trata-se de um idiota completo. E o leitor não subestime a importância do instrumento, sua função didática. Ele permite, por exemplo, localizar uma infinidade de idiotas espalhados pelos jornais. Li ao menos uma crítica e o rapaz só não aplaudiu de quatro porque é tecnicamente inviável. Como sempre, quando se trata de opiniões idiotas, a delícia é a explicação. Mas não vou reproduzi-la aqui. Meu assunto é o filme. E o filme não é nada.

Não tem sequer a velocidade de um videoclipe metafísico que reproduzisse a presumida cabeça a mil de alguém prestes a enlouquecer. Não, o Nietzsche de Bressane enlouquece com a discrição de um funcionário público. A julgar pelo andamento do filme diria-se que Nietzsche ficou maluco de tédio.

O tempo todo o que se tem é isso: textos de Nietzsche sendo lidos em off e longas cenas completamente irrelevantes e aleatórias.

As cenas, lentas e inócuas, nada informam, nada acrescentam. O filme teria sido um excelente programa de rádio - e isto resume tudo. O filme de Bressane é um programa de rádio com imagens. Um programa de rádio com texto de Nietzsche e música de Wagner, Bizet e do próprio Nietzsche.

Mas não é isso que me incomoda no filme. Todo mundo erra de vez em quando. E Bressane faz um tipo de cinema que se expõe muito mais ao erro. Um cinema experimental que a mim, aliás, é antecipadamente simpático. E, de fato, fui ao cinema decidido a gostar do filme. E saí decidido a esquecê-lo. A fingir que não vi para não ter de comentar. Além do respeito por quem se arrisca a tentar o incomum havia também a simpatia pela carioquíssima figura de Julio Bressane.

Foi só quando li que o filme levava um

milhão de reais da Prefeitura do Rio para ser realizado é que fui tomado pela indignação que escorre destas linhas. Acho que é muito dinheiro para o filme que é. Tecnicamente trata-se de um filme de uma pobreza franciscana, artesanal e humílimo. O espectador sai do cinema quase aos prantos, certo de que Bressane para realizá-lo teve de rodar rifa de relógio, empenhar as jóias da família, pedir dinheiro aos amigos...

Não há um diálogo. Não há som direto. Não há figurino. Não há roteiro. Não há trilha sonora. Não há cenário. Quase se poderia dizer que não há atores. São seis, ao todo. Sete, se contarmos uma gostosa que aparece nua de relance no papel de ninfá. Não dizem uma palavra, não vivem um mísero segundo de tensão dramática, nem sequer trocam de roupa. Paulo José, Mariana Ximenes, a filha da Ângela Leal e uma senhora que não sei o nome fazem a família que hospeda Nietzsche em Turim. Há um conhecidíssimo boêmio carioca no papel do alfaiate. E há o ator que faz os bigodes de Nietzsche. Porque a verdade é que, com aqueles bigodes, Nietzsche é irrepresentável. O máximo que um ator consegue é fazer os bigodes de Nietzsche.

Mas é o tipo do papel que pinga no currículo do ator como um aposto: "Ah! E fui os bigodes de Nietzsche num filme do Bressane". Pega bem... Pode até render um papel numa novela, se o diretor for daqueles que acreditariam que Nietzsche não cobrou nada pelo texto do filme (nem Wagner, em Bizet...).

No entanto, o filme consumiu um milhão de reais dados pelo Prefeitura do Rio - provavelmente no tempo da administração de Luis Paulo Conde. Um milhão. Pelo menos foi o que li. É escandaloso.

A aura de "experimentação" se dissolve sob a suspeita de picaretagem pura e simples. O filme revela-se longo não por uma questão estética, mas pela cínica necessidade de maquiagem custos. É uma suspeita. Grave. Teria rendido uma matéria melhor do que qualquer das tentativas (incompetentes) de se escrever a crítica favorável de um filme medíocre.

<ahc@cafeimpresso.com.br>